

# Sem sombra nem água fresca

ÉRICA MONTENEGRO

DA EQUIPE DO CORREIO

**D**aqui até setembro, as vidas de Jonas, Carlito e Aguinaldo vão habitar o inferno. Sem outra opção para sustentar a casa, o trio de baianos tem de dar expediente de oito horas em sinal de trânsito. Os três já sentem os primeiros efeitos da seca brasiliense, mas sabem que o suplício se tornará ainda maior. O índice mais baixo de umidade que, agora, está em torno de 40%, nos próximos meses, cairá para 20%.

Esta semana a Defesa Civil divulgou dois alertas contra a seca. O primeiro, dirigido à população em geral, recomenda cuidados simples como ingerir pelo menos seis copos de água por dia, evitar banhos quentes e manter toalhas molhadas e baldes cheios de água dentro de casa.

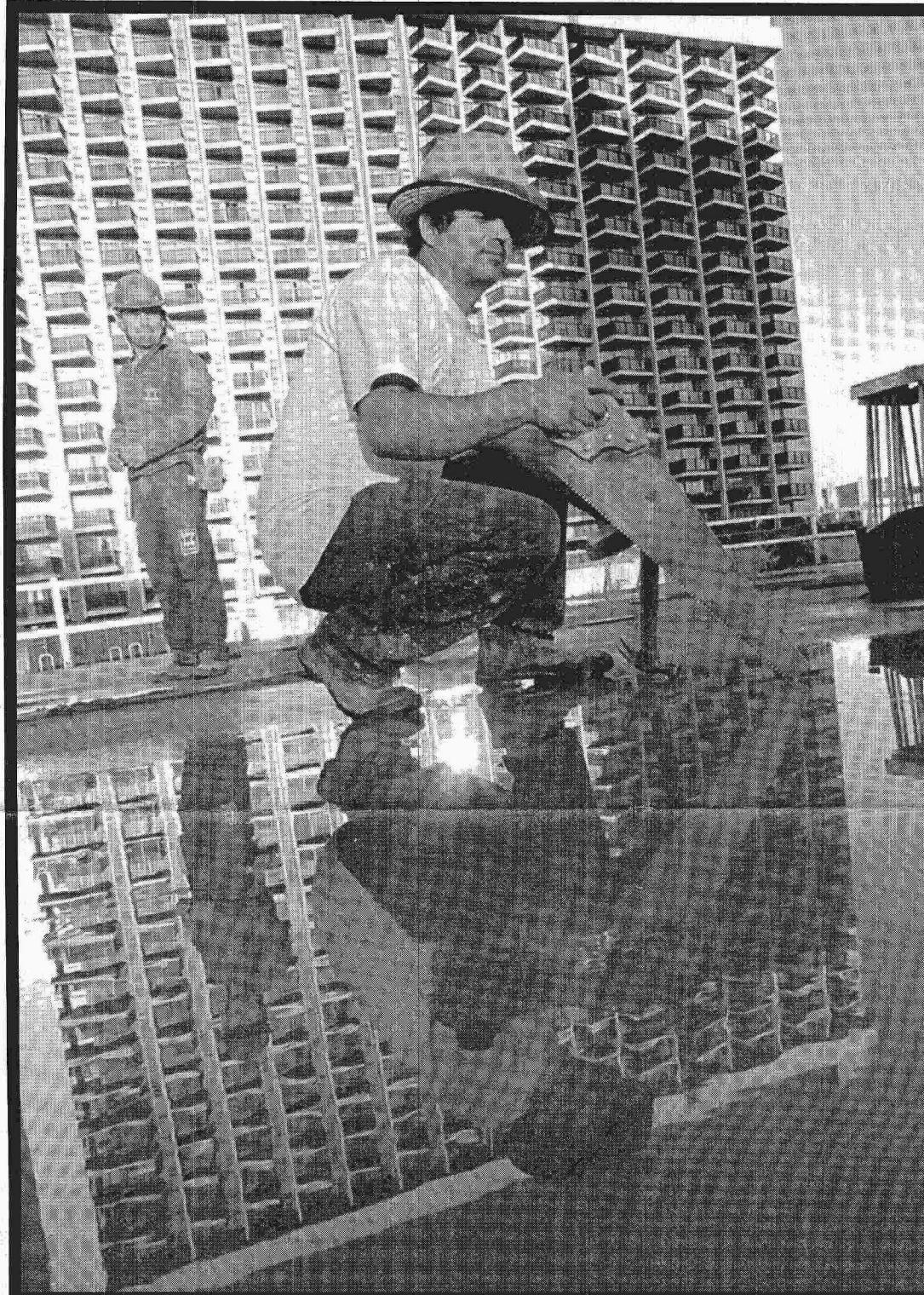
O segundo, específico para a comunidade escolar, sugere que os exercícios físicos sob o sol sejam suspensos na parte da tarde e que os professores se preocupem com a hidratação das crianças. "Não é para gerar pânico, mas para avisar a todos que cuidados especiais são necessários", explica o subsecretário de Defesa Civil, Nilo de Abreu.

Morador do Distrito Federal há 38 anos, Abreu diz que já se acostumou com o clima da cidade mas que, ainda assim, é impossível passar incólume aos seus efeitos. "Não tem jeito, se ficar debaixo do sol dá moleza mesmo", afirma.

Exatamente contra esta fraqueza lutam os três baianos do sinal de trânsito. "Dá uma pontinha de dor de cabeça, mas sou pai de família, tenho de ganhar a vida", assume Aguinaldo Conrado da Silva, 21 anos. Ex-goleiro da equipe juvenil do Vitória, há dois anos o ambulante veio para Brasília com planos de jogar futebol, mas deu com a cara na porta dos times brasilienses. Restou-lhe vender balinhas na rua.

O colega de trabalho Carlito Ramos de Oliveira, 30 anos, está em Brasília há mais tempo e, portanto, lida melhor com as variações de temperatura e umidade. "Eu me dou bem com o clima daqui, o sol não me espanta, lá na Bahia eu trabalhava na roça",

Fotos: Carlos Vieira



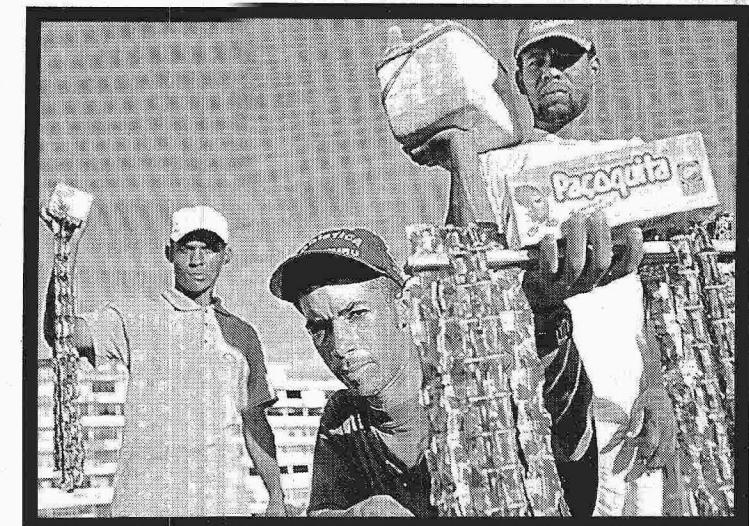
LINDOMAR MARQUES DOS SANTOS, UM CARPINTERO À PROCURA DE QUEM FOGE DA SECA E DO TRABALHO

conta. Esperto, Carlito já identificou que há um produto sazonal, de lucro garantido nesta época do ano. São as garrafinhas de água mineral. "Quanto mais quente, melhor pro meu negócio", brinca o ambulante que cobra R\$ 1 pelas geladas.

Também na lida sob o sol quen-

te, o motoboy Luiz de Macedo, 29 anos, abusa do protetor solar e, vez por outra, faz uma paradinha estratégica para beber água. "Pelo menos, em cima da moto a gente toma um pouco de vento", diz Luiz. O horário mais crítico do dia é à tarde, justamente a hora em que o motoboy está no batente.

A partir das 12h, a temperatura aumenta e a umidade relativa do ar cai. "Estamos em um clima tropical de savana, o que implica grandes variações de temperatura durante o dia e baixa umidade", explora Francisco Alves do Nascimento, meteorologista do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).



AGUINALDO, JONAS E CARLITO: OITO HORAS VIVENDO NO INFERNO